



BOLETIM DE COMÉRCIO
EXTERIOR DA BAHIA
NOVEMBRO 2022

Sumário

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Novembro 2022, 3

Importações, 8

Apêndice A – Novembro 2022

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Balança - Brasil X Bahia
- Tabela IV - Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro
- Tabela V - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela VI - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela VII - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela IX - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela X - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela XII - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XIII - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XIV - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XV - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XVI - Importações nordestinas por Estado
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVIII - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XIX - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XX - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Novembro de 2022

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela IV - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela V - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VI - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela VII - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela IX - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela X - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XII - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XIII - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XIV - Importações nordestinas por estado
- Tabela XV - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVI - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XVIII - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos



Governo do Estado da Bahia
Rui Costa

Secretaria do Planejamento
Cláudio Ramos Peixoto

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
José Acácio Ferreira

Diretoria de Indicadores e Estatística
Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural
Arthur Souza Cruz Junior

Coordenação Editorial
Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica
Arthur Souza Cruz Junior
Henrique Rocha Reis (estagiário)

Editoria-Geral
Luzia Luna

Coordenação de Produção Editorial
Editoria de Arte
Projeto Gráfico
Ludmila Nagamatsu

Revisão Ortográfica
Editoração
EGBA

Desempenho do Comércio Exterior Baiano – Novembro 2022

A receita de exportação da Bahia em novembro atingiu US\$ 1,18 bilhão subindo 31% contra igual mês de 2021, com alta de 59,2% nos volumes e queda de 17,8% nos preços médios. Já as compras externas foram a US\$ 773,9 milhões com recuo de 14,5% em valor e com queda de 37,5% nos volumes. Os preços dos produtos importados, porém, continuaram subindo, com alta média de 37%.

Assim como em outubro, o valor das exportações baianas avançou em novembro puxado principalmente pelo aumento do volume embarcado, que aceleraram mais que os preços médios, na comparação com igual mês do ano passado. As importações, porém, caíram em valor e em volume em novembro, na mesma comparação, mas tiveram aumento de preços ao contrário das exportações.

Com a mudança recente na dinâmica de preços, com os termos de troca seguindo em declínio, -- alta nos preços das importações e queda nos das exportações, as vendas externas baianas devem encerrar o ano comandado pelo quantum, enquanto nas importações, o efeito preço passa a preponderar.

No recorte por atividade econômica, houve avanço nas exportações da indústria de transformação (+55,8%), da agropecuária (+53,1%), e queda na extrativa (-53,2%).

No acumulado dos 11 meses, o valor exportado avançou 40,5%, com alta bem superior ao verificado nacionalmente quando o crescimento alcançou 20,3%. Houve alta de 14% dos preços médios das exportações e de 23,3% do volume. O valor importado aumentou 49,4%, com alta de 12,4% em volumes e salto de 33% nos preços, sempre em comparação com iguais meses de 2021.

A queda do valor de importação em novembro, pelo segundo mês consecutivo, não deve refletir ainda a contração prevista da demanda doméstica. Desde setembro do ano passado, em razão da crise hídrica de então, houve importações em grande volume e com preços altos de energéticos, como gás e combustíveis. Desembarque de adubos e fertilizantes e trilhos de aço para as obras da Fiol, também contribuíram para aumento das importações em novembro de 2021. O recuo do valor importado em novembro, portanto, pode resultar em boa medida da base alta de comparação.

Já as exportações seguem lideradas em novembro pelos derivados de petróleo, com crescimento de 146,7% embalados pela conjuntura de preços externos favoráveis, como também pelo aumento da demanda por conta do boicote ao petróleo russo.

Outro setor com bom desempenho é o agro, capitaneado pela soja e seus derivados. O complexo soja continua sendo o principal produto de exportação do agregado, com vendas de US\$ 258,9 milhões no mês e incremento de 76% em relação ao mesmo período de 2021. As vendas do setor foram volumosas, embaladas pela boa safra da oleaginosa na Bahia, que atingiu seu recorde pelo terceiro ano consecutivo. Os preços médios também ajudaram subindo 22,6%, no mês, comparados a novembro do ano anterior.

Com os resultados apurados em novembro, a balança comercial do estado ficou superavitária no ano, em US\$ 2,37 bilhões, resultado de exportações de US\$ 12,89 bilhões e importações de 10,52 bilhões. Já a corrente de comércio alcançou US\$ 23,4 bilhões até novembro, 44,4% acima de igual período de 2021.

Tabela 1 – Balança comercial Bahia – Jan.-nov. 2021/2022

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2021	2022	Var. %
Exportações	9.179.171	12.893.677	40,47
Importações	7.040.902	10.521.112	49,43
Saldo	2.138.270	2.372.565	10,96
Corrente de comércio	16.220.073	23.414.788	44,36

Fonte: ME/Secint/Secex/Sitec, dados coletados em 06/12/2022, <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: SEI

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

O fluxo do comércio global caiu pelo quarto mês consecutivo em outubro no ritmo mais acentuado dos últimos meses, um sinal de que os altos preços da energia e o aumento das taxas de juros no mundo estão enfraquecendo a demanda doméstica por bens e desacelerando a economia global.

A queda na demanda de consumo começa a desacelerar os fluxos comerciais, e o principal indicador antecedente da Organização Mundial do Comércio (OMC) sugere que essa tendência vai se manter em 2023, com a entidade estimando um aumento nas exportações e

importações de 1% no período. Pela primeira vez em 2022, os fluxos comerciais caíram em termos anuais em outubro, em 1%.

A queda dos fluxos comerciais está relacionada a onda de casos de covid-19 na China, na sequência do súbito abandono da política de tolerância zero, que está gerando temores em outros países pelo potencial impacto dessa crise na economia global e nas cadeias de suprimentos, e pelo risco de gerar novas variantes preocupantes do coronavírus.

O rápido aumento de casos e o caos trazido pela mudança na política há cerca de duas semanas levou o Banco Mundial a cortar ontem suas estimativas de crescimento para a segunda maior economia do mundo. A instituição agora vê a economia da China crescendo 2,7% neste ano e 4,3% em 2023, de 2,8% e 4,5%, respectivamente, previstos em setembro.

A economia dos EUA “já está sendo impactada” pelos últimos desenvolvimentos da covid-19 na China e pela escassez de energia na Europa, disse ontem o vice-secretário do Tesouro, Wally Adeyemo, em entrevista à Reuters.

Especialistas em saúde temem que a nação de 1,4 bilhão de pessoas não esteja adequadamente vacinada e possa não ter as ferramentas de saúde para enfrentar uma onda que pode matar mais de um milhão de pessoas até 2023.

Apesar do agravamento da pandemia, o Brasil e a Bahia ampliaram sua corrente de comércio internacional, impulsionada nos últimos anos pelo aumento das exportações e importações e dos preços das commodities, que representam boa parte das vendas ao exterior. As exportações e importações de mercadorias e serviços do país saltaram de 24,3% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2017 para 39,2% no ano passado, constatou a Organização Mundial do Comércio (OMC) na oitava revisão da política comercial brasileira, que acaba de ser concluída. O aumento é importante, mas o país ainda fica distante da média mundial de 52% e da média de 53% da América Latina e Caribe, de acordo com o Banco Mundial.

O Brasil segue como um dos importantes players do mercado global de produtos da agropecuária, como soja, carnes bovina e de frango, açúcar, suco de laranja e café, segundo a OMC. Mas a organização nota o forte crescimento do petróleo e minérios nas exportações, de 19,4% para 31,3% do total no período analisado, de 2017 a 2021, favorecido pelo aumento dos preços nos últimos anos. Do lado das importações, predominam os manufaturados.

Em relação aos parceiros comerciais, a OMC notou que o período caracterizou-se pela forte expansão das relações comerciais do Brasil com a Ásia, notadamente com a China, e pela redução da participação das Américas, inclusive do Mercosul, relegado a segundo plano pelo governo Bolsonaro. O volume de exportações brasileiras para a China aumentou quase dez pontos, de 22,1% em 2017 para 31,3% do total no ano passado. No caso dos EUA, diminuiu de 12,6% para 11,2% no período; e da União Europeia, de 14,1% para 13%. As exportações brasileiras para a Argentina despencaram de 8,2% do total para 4,2% no período examinado, em boa parte em consequência dos problemas econômicos do país vizinho.

Do lado das importações, a China também sobressaiu, passando de 17,5% do total adquirido do exterior em 2017 para 22,8% em 2021. As compras de produtos dos EUA e da Argentina ficaram mais ou menos estáveis, e caíram de 19,9% para 17,1% no caso da União Europeia.

O relatório é favorável ao Brasil em geral, mas a OMC ressalta que o Brasil mantém programas de subsídios a setores da economia para proteger a produção doméstica. Recomenda ao país avançar em mudanças estruturais para melhorar a produtividade em diversas áreas, além de reformar o regime tributário e de subsídios, e diminuir a burocracia.

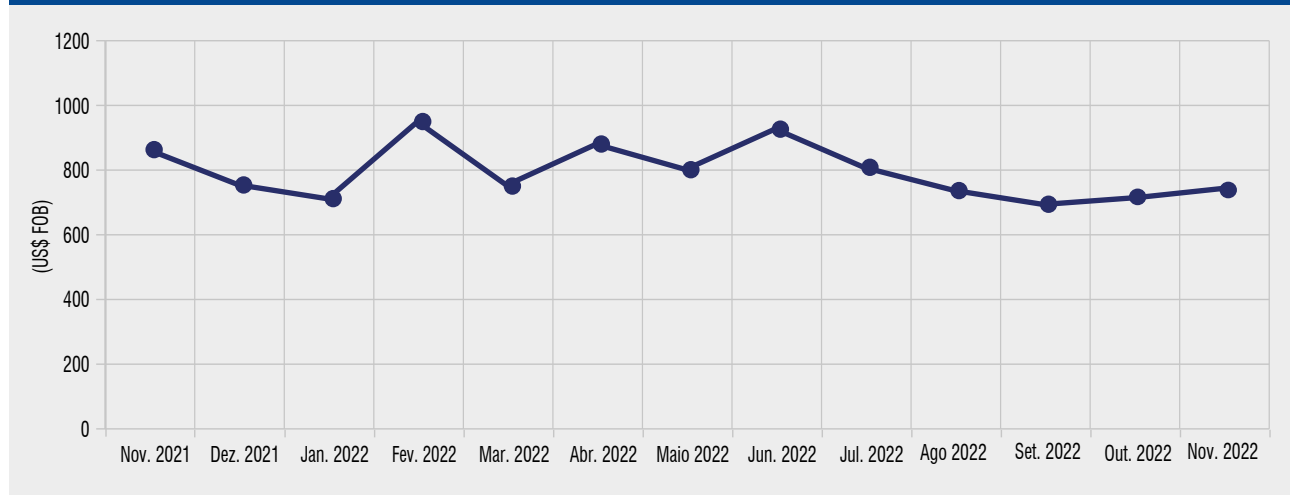
Apesar de o governo ter defendido a sustentabilidade da produção agrícola brasileira, por não promover o esgotamento “sensível” da biodiversidade, fertilidade do solo e recursos hídricos, o combate ao desmatamento foi um dos pontos cobrados por representantes de delegações de outros países que participaram da

revisão, em meio à expectativa de que o futuro governo de Luiz Inácio Lula da Silva possa reverter a tendência atual. Como disse o representante da União Europeia, o objetivo é “assegurar que o comércio não sirva como um motor para tal desmatamento”.

Outro ponto cobrado é a reforma tributária, dado que impostos dificultam as relações comerciais com o país, reclamação frequente também do lado de importadores e exportadores brasileiros, como mostrou pesquisa

realizada junto a quase 600 exportadoras brasileiras pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). A pesquisa da CNI também apontou a logística como dificuldade relevante, consequência da elevação do custo do frete, causada pelo aumento dos combustíveis e pela ruptura das cadeias globais de transporte. A relação dos principais fatores que inibem o aumento dos negócios inclui a elevada volatilidade do dólar, o crescimento das barreiras no comércio global e o custo Brasil.

Gráfico 1 – Evolução dos preços médio mensal das exportações baianas – 2021-2022



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 08/12/2022.
Elaboração: SEI.

Os preços médios de exportação depois de três meses de queda, acusaram leve alta em novembro tendo registrado elevação de 3,34% em média ante outubro e queda de 15% em relação a novembro/21. Na medida que a base de comparação se eleva, o que aconteceu a partir do terceiro trimestre de 2022, a queda vai se acentuando.

Custos mais altos e valorização do real frente ao dólar vêm contribuindo para tirar parte da margem de ganho do exportador, agravado pela redução média dos preços já mostrada em novembro em comparação com igual mês do ano passado. A tendência de agora em diante é que com a queda nos preços médios em dólar de

exportação, os custos de produção e da valorização nominal da moeda nacional frente ao dólar em igual período, afetem a rentabilidade das exportações.

Apesar do arrefecimento da inflação e da devolução de parte do aumento em alguns preços importantes, as projeções de mercado para a taxa de câmbio nominal, a desaceleração da economia global, as contínuas restrições à locomoção com a expansão da Covid-19 na China e os impactos da guerra entre Rússia e Ucrânia nos preços dos combustíveis mostram que o quadro não será revertido no curto prazo. Dificilmente veremos uma melhora na rentabilidade do exportador brasileiro nos próximos meses.

**Tabela 2 – Exportações baianas
Principais segmentos – Jan.-nov. 2021/2022**

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2021	2022			
Petróleo e Derivados	1.195.185	3.569.547	198,66	27,68	45,47
Soja e Derivados	2.294.337	3.195.600	39,28	24,78	24,94
Químicos e Petroquímicos	1.189.307	1.407.734	18,37	10,92	17,54
Papel e Celulose	897.911	1.150.711	28,15	8,92	14,42
Algodão e Seus Subprodutos	532.086	658.607	23,78	5,11	23,02
Minerais	712.065	597.524	-16,09	4,63	26,23
Metais Preciosos	484.974	505.791	4,29	3,92	78,80
Metalúrgicos	591.495	503.795	-14,83	3,91	-9,56
Café e Especiarias	164.885	236.522	43,45	1,83	59,12
Cacau e Derivados	204.192	180.668	-11,52	1,40	1,62
Borracha e Suas Obras	142.666	173.956	21,93	1,35	20,11
Frutas e Suas Preparações	188.814	161.462	-14,49	1,25	-2,75
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	224.659	116.648	-48,08	0,90	4,73
Calçados e Suas Partes	55.945	87.840	57,01	0,68	16,93
Sisal e Derivados	66.895	72.329	8,12	0,56	9,18
Couros e Peles	59.681	56.855	-4,73	0,44	13,83
Carne e Miudezas de Aves	37.269	31.806	-14,66	0,25	7,27
Fumo e Derivados	18.448	18.195	-1,37	0,14	13,96
Demais segmentos	118.358	168.085	42,01	1,30	-7,50
Total	9.179.171	12.893.677	40,47	100,00	13,94

Fonte: ME/Secint/Secex/Sitec, dados coletados em 06/12/2022, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: SEI

Os derivados de petróleo permanecem na liderança da pauta de exportações baianas no ano, com vendas de US\$ 3,57 bilhões e crescimento de 198,7% frente a igual período do ano passado. O setor está sendo um dos principais responsáveis pelo bom desempenho das vendas externas baianas no ano, uma vez que a Refinaria de Mataripe, mais que duplicou o volume exportado de derivados de petróleo (105,3%), elevando as exportações do segmento para 5 milhões toneladas no período. A Acelen, com o boom do petróleo, causado pela guerra da Rússia x Ucrânia, aumentou para 41 países seu leque de clientes, embora Singapura ainda concentre 51% do total de suas vendas no período.

As exportações do agronegócio baiano alcançaram US\$ 5,84 bilhões no acumulado do ano até novembro, 29% mais que um ano antes. Tanto os preços médios dos produtos exportados quanto os volumes aumentaram -- as altas foram de 17,2% e 10,04%, respectivamente --, colaborando para o resultado, principalmente pelo efeito preço. Com esses resultados, a participação do agro nas exportações totais da Bahia atingiu 45,3% no período.

Por produto, as vendas externas são lideradas pelo óleo combustível "fuel oil" com vendas de US\$ 3,48 bilhões e crescimento de 203,2% em relação ao mesmo período do ano anterior, seguido pela soja em grão, com US\$ 2,60 bilhões no período e incremento de 41,6% em relação ao mesmo período de 2021. As vendas foram volumosas atingindo até setembro 4,2 milhões de toneladas, com uma variação positiva de 10,2% ante igual período de 2021. Esse desempenho positivo foi embalado pela boa safra da oleaginosa na Bahia, que atingiu seu recorde pelo terceiro ano consecutivo. Os preços médios do setor também ajudaram subindo em média 25%, comparados a igual período do ano anterior.

O setor químico/petroquímico mantém o melhor desempenho dentre os manufaturados (excetuando o refino) com vendas de US\$ 1,41 bilhão, 18,4% acima de igual período do ano anterior, a forte alta dos preços internacionais dos produtos químicos impulsionou as receitas da indústria química baiana em 2022, já que o volume embarcado até novembro permaneceu estável, com crescimento de apenas 0,7%, comparado com o mesmo período de 2021.

Houve bons resultados em 2022, o que mostra que existem no estado empresas muito competentes no que fazem e souberam aproveitar o momento favorável. Mas a ausência de soluções estruturais voltou a afetar os resultados e o último quadrimestre voltou a mostrar tendência de queda.

A China, que ocupa desde 2012 o posto de principal comprador dos produtos baianos, permanece na liderança dentre os principais destinos para as vendas externas da Bahia no período, com compras que totalizaram US\$ 3,10 bilhões. Esse valor foi 18,5% maior que em igual período do ano anterior e o país respondeu pelo destino de 24,1% das vendas externas estaduais no período.

Não obstante, o rápido aumento de casos e o caos trazido pela mudança na política em dezembro levou o Banco Mundial a cortar ontem suas estimativas de crescimento para a segunda maior economia do mundo. A instituição agora vê a economia da China crescendo 2,7% neste ano e 4,3% em 2023, de 2,8% e 4,5%, respectivamente, previstos em setembro.

Singapura permanece na segunda posição como maior importador de produtos do estado, devido ao crescimento vertiginoso nas exportações de petróleo e derivados no período, que representaram 99% das vendas ao país asiático. O país respondeu por 15% das exportações baianas no período, desbancando os Estados Unidos de segundo maior destino para as exportações estaduais.

Para as importações, novembro foi o segundo mês do ano em que o valor importado apresentou queda interanual, reflexo da redução do quantum e dos preços em novembro. No mês, dentre as categorias de uso, destacamos a menor compra de bens intermediários, enquanto as importações de combustíveis, bens de consumo e de bens de capital tiveram ascensão. Com esse resultado, a balança comercial acumulou superávit de US\$ 58,0 bilhões no ano.

O valor importado até novembro aumentou 49,3%, com alta de 49,4% em volumes e salto de 33% nos preços médios, sempre em comparação com iguais meses de 2021.

Mesmo com o recuo do valor importado em novembro, ter sido resultado em boa medida da base alta de comparação, o aumento de importações puxado por fertilizantes e combustíveis deve levar a indústria de transformação a fechar 2022 com nível recorde de déficit da balança comercial ao menos desde o período de recessão da economia brasileira em 2015 e 2016.

Neste ano, houve grande influência no aumento das importações, de bens da indústria química, excluídos os farmacêuticos, com a forte compra externa de fertilizantes. Há nisso uma questão estrutural, porque o estado tem despontando como forte produtor agrícola e dependente da importação desses insumos. Mas houve também a questão preço, que também afetou a importação de derivados de petróleo, sob os efeitos do conflito entre Rússia e Ucrânia.

As compras externas no ano, até novembro permanecem puxadas por combustíveis (incluindo a nafta), tanto pelo cenário externo quanto pela ocorrência de parada para manutenção e interrupções no segmento de refino capitaneado pela Acelen e fertilizantes com incrementos 201,7% e 155,7% respectivamente, quando comparados a igual período do ano passado.

Dentre os bens intermediários, que lideram as importações estaduais no ano, com US\$ 364,4 milhões e 63,5% de participação, o crescimento alcançou 25,4% com destaque destacam-se para os fertilizantes, nafta, trigo, minério de cobre, células fotovoltaicas montadas em módulos ou em painéis e máquinas, partes, ecas e equipamentos.

Os bens de capital, que consistem em máquinas e equipamentos para investimentos em ampliação ou

implantação de unidades produtivas, tiveram crescimento modesto de 1,2% até novembro, demonstrando o momento de instabilidade e de pouca atratividade para investimentos no país.

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-nov. 2021/2022

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2021	2022	Var. %	Part. %
Bens Intermediários (BI)	5.327.379	6.681.489	25,42	63,51
Combustíveis e Lubrificantes	1.060.398	3.199.482	201,72	30,41
Bens de Capital (BK)	446.699	452.305	1,25	4,30
Bens de Consumo (BC)	206.422	174.364	-15,53	1,66
Bens não especificados anteriormente	4.352.000	13.472	209,55	0,13
Total	7.045.249	10.521.112	49,34	100,00

Fonte: ME/Secint/Secex/Sitec, dados coletados em 06/12/2022,

<http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: SEI.

OBS.: importações efetivas, dados preliminares.

O nível de importação até novembro mostra que os desembarques devem acomodar-se em níveis mais elevados que o esperado, em função da política de produção e preços da Acelen, bem como da expansão da produção agrícola que exige maior quantidade no consumo de fertilizantes.

Apesar do ritmo de crescimento das importações estarem acima do das exportações no ano, os riscos para as perspectivas estão predominantemente inclinados para o lado negativo, já que se prevê uma desaceleração no crescimento tanto da economia mundial como da brasileira, o que leva às empresas a reduzirem seu ritmo de compras e de produção.

A corrente de comércio do estado, que demonstra o grau de integração da economia ao fluxo internacional, avançou 44,4% até novembro, totalizando US\$ 23,4 bilhões e se encaminhando para também bater seu recorde histórico. Esse indicador é considerado importante, porque mede o dinamismo do comércio exterior do estado, bem como sua contribuição para o ritmo da atividade econômica. Já o saldo comercial do estado no período chegou a US\$ 2,37 bilhões, resultado 11% acima de igual período de 2021, resultado do avanço, este ano, proporcionalmente maior das importações do que das exportações.



SECRETARIA DO
PLANEJAMENTO

